

A tentativa já tem até nome — “operação piloto” — e será conduzida por Marcílio Marques Moreira, embaixador nos EUA. Se der resultado a dívida diminui em US\$ 6 bilhões.

Governo vai tentar reduzir 10% da dívida

O governo acredita que ainda no mandato do presidente José Sarney será possível obter uma redução de aproximadamente 10% da dívida externa de médio e longo prazos com os bancos comerciais, o equivalente a pouco mais de US\$ 6 bilhões. Ontem, depois de um almoço com o presidente Sarney e o ministro Mailson da Nóbrega, o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, revelou que entre as suas atribuições ao voltar hoje aos Estados Unidos incluem-se negociações com o Tesouro americano, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e banqueiros privados. O objetivo é beneficiar o País com “uma operação-piloto” de redução da dívida, aproveitando-se das trilhas abertas pelo Plano Brady.

O embaixador admitiu as dificuldades para se concluir uma negociação em que o País se beneficie do Plano Brady, mas, caso as negociações fracassem, o terreno ficará preparado para o futuro governo. Ficou definido pelas autoridades brasileiras que a forma ideal para a redução da dívida será através da redução dos ju-



Em sua volta a Washington, Marcílio Marques Moreira vai vender a imagem de um País que quer recursos e não confronto.

ros. “Isso teria um efeito mais rápido sobre o balanço de pagamentos”, observou o embaixador.

A grande dificuldade para uma operação de redução da dívida externa é que ela depende de um acordo com o FMI, uma hipótese em que poucos, no governo, ainda acreditam, por falta de uma política eficiente de combate à inflação. Os mais otimistas imaginam que se o FMI se recusar a assinar o acordo com o Brasil estará dando o tiro de misericórdia na crise cambial do País. A moratória da dívida seria inevitável a partir de setembro. Poderia

haver, no raciocínio de algumas fontes, um acordo de curto prazo que o embaixador chama de transição para viabilizar a liberação de recursos dos bancos privados, instituições multilaterais e, quem sabe, montar uma operação de redução da dívida.

O embaixador volta a Washington orientado para vender a imagem de que o Brasil atrasou o pagamento dos US\$ 800 milhões ao Clube de Paris por razões técnicas e não tem interesse em um confronto com os credores. Mas leva também a mensa-

gem de que o País não vacilará em atrasar novos pagamentos, caso isso seja necessário para evitar a queima de reservas cambiais.

“O Brasil pagará seus compromissos enquanto tiver recursos e reservas compatíveis”, disse Marcílio Marques Moreira. Sobre a perspectiva de moratória em setembro — quando o Brasil terá de pagar US\$ 2,3 bilhões aos bancos privados —, ele afirmou: “Nós vamos procurar atravessar o rio e somente quando chegarmos à margem avaliaremos a situação para decidir o que fazer”.